

Obama num mundo em mudança

por Mário Soares

1. O projecto de serviços de saúde públicos nos Estados Unidos está a dar grandes dores de cabeça a Barack Obama. Apesar de haver ainda uma maioria que lhe é favorável – 53% dos eleitores – têm vindo a ocorrer, por todo o território federal, manifestações de descontentamento, com alguns surtos de violência verbal muito desagradáveis.

É de facto extraordinário que um país, com tantas desigualdades sociais, onde os mais pobres não chegam sequer a entrar nos hospitais, por não terem seguro de saúde, não percebam a importância histórica e a melhoria que tem, para eles, a reforma preconizada por Barack Obama. Cara, relativamente às europeias, mas inovadora e progressista.

Numa reportagem que vi na televisão, Obama falou forte e duro a defender a sua reforma, tema que, espero, apesar das dificuldades, não deixe cair, porque é emblemático em relação à nova era, que prometeu na cerimónia da sua posse.

É certo que a crise global, embora com sinais de abrandamento, ainda não bateu no fundo. O desemprego sobe, apesar das medidas financeiras tomadas para o combater. As grandes empresas multinacionais, as seguradoras e os bancos, que não entraram em falência, começam a manifestar-se no sentido de que tudo possa voltar ao mesmo. Ora, não pode. Contudo, a Direita americana, na luta contra o serviço nacional de saúde, arranjou uma bandeira mobilizadora. Mas é incontestável, por isso mesmo, que as reformas económicas e sociais que Obama anunciou devem ser realizadas porque são decisivas e essenciais, na visão que tem para o futuro dos Estados Unidos.

A crise global está longe de ter passado, digam o que disserem os optimistas, que pensam que tudo pode continuar na mesma, porque não assumem facilmente mudar o estilo das suas vidas.

Mas, atenção, a crise não atacou apenas o Ocidente: é extremamente complexa e global. Está a atacar, com força, alguns dos países emergentes. A China é um deles, sendo como é o principal credor dos Estados Unidos, e tendo, como se sabe, problemas próprios muito complexos: étnicos, sociais e políticos. A Índia, também, cuja escassez de água se anuncia terrível, para a próxima década, para além de não ter descoberto, no seu território, até agora, petróleo. Mas isso é, apesar de tudo, menos grave do que a escassez de recursos de água.

Barack Obama conhece o dossier internacional e a mudança que está a acontecer na relação de forças mundial. Talvez, como poucos. E sabe muito bem o que quer. A questão consiste em que as forças da oposição interna o deixem actuar. Os discursos que pronunciou em Ancara, no Cairo e, mais recentemente, em Accra, foram notabilíssimos e abriram caminhos de paz inesperados. Bem como as reuniões que teve na Europa – e na Rússia – com alguns dos dirigentes do G8 e do G20, desenvolvendo uma cultura de paz e de não violência, como linhas mestras das novas relações internacionais.

No entanto, não bastam palavras: são necessárias acções e políticas concretas que sejam a consequência lógica dessas palavras. E é aí que nascem as dificuldades e as contradições: no plano das reformas internas, mas também quanto ao eterno conflito Israelo-Palestiniano, de novo em fase aguda; ao Iraque, onde a mortandade continua; ao Afeganistão – onde haverá eleições, extremamente complexas, no próximo dia 20; ao Paquistão e ao imbróglio do Irão, onde o sistema teocrático parece ter ficado bastante enfraquecido, pelas manifestações populares que envolveram também as elites intelectuais e técnicas e ainda antigos chefes de Estado. Perante tudo isto, a União Europeia, alheia e impotente, parece continuar em férias...

2. O Afeganistão, como tenho aqui escrito algumas vezes, é um dos problemas mais difíceis que o Ocidente tem pela frente. Digo o Ocidente e não só a América. Por causa do envolvimento da NATO, que é um grande quebra-cabeças que não faz sentido, do meu ponto de vista, manter. Barack Obama, nesse aspecto, distinguindo o Iraque do Afeganistão e pedindo aos aliados europeus que enviem mais forças militares para o Afeganistão, no quadro da NATO, não ponderou suficientemente o atoleiro em que se estava a meter...

As eleições que se vão realizar, como disse, no próximo dia 20 de Agosto – consideradas essenciais pela nova estratégia dos Estados Unidos – vão ocorrer num quadro muito negro, em que cerca de 45% do território está sob a ameaça muito séria da guerra por parte dos talibãs. Ainda há poucos dias no centro de Cabul – calcule-se! – face ao Quartel General da NATO, um carro armadilhado, com uma bomba e um condutor suicida, explodiu, causando sete mortos e uma centena de feridos...

Um porta-voz talibã enviou uma mensagem à emissora Al-Jazeera, em que não só reivindica o atentado, como anunciou que outros se seguirão, até ao dia das eleições... Há dias tinham apelado ao boicote às eleições e aconselhavam a que ninguém se aproximasse dos lugares de voto, considerados como objectivos militares. Acrescente-se a estas ameaças, o desprestígio do Governo de Hamid Karzai, que já reconheceu que, pelo menos, dez por cento dos locais de voto não poderão abrir, por causa da falta de segurança, e ter-se-á uma ideia de que espécie de eleições se trata. Perguntar-se-á: finalmente, para que servem?

A verdade é que a insurreição talibã tem vindo, desde os fins da era Bush, a afirmar as suas técnicas de agressão. E têm vindo a fazer-se sentir mesmo na região mais fortificada do Afeganistão, onde estão as Embaixadas e os centros do poder.

Aliás, cinco soldados paquistaneses morreram e outros quatro ficaram feridos num ataque talibã perpetrado a noroeste do Paquistão, num país fronteiriço como o Afeganistão e extremamente problemático. O radicalismo islâmico agressivo tem vindo a manifestar-se, cada vez mais, seja por via dos talibãs, seja através da Al-Qaeda e suas ramificações, seja na Faixa de Gaza, com os "soldados de Deus", grupo salafita e o seu líder, clérigo Abdelatif Musa, cuja rebelião foi sufocada pelo Hamas. Resultado: vinte e dois mortos e cerca de cento e vinte feridos e, entre os mortos, o próprio líder.

3. O desafio global é um livro, traduzido em português, pela Editorial Esfera do Caos, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, da autoria de Sir Nicholas Stern, professor da prestigiada London School of Economics e também professor convidado da Universidade de Oxford. Foi ainda o coordenador do célebre Relatório Stern, por isso tem o seu nome, publicado pelo Stern Review, em Outubro de 2006. Mais ou menos ao mesmo tempo em que Al Gore publicou “Uma Verdade Inconveniente”, que deu lugar ao filme com o mesmo nome, traduzido também em português pela Esfera do Caos Editores, em 2006. São, aliás, as duas grandes figuras que mais contribuíram para consciencializar as populações mundiais para os perigos que corre a Humanidade, no seu conjunto, se não adoptarmos políticas concretas para pôr termo, a curto prazo, às alterações climáticas de que se começam a sentir as nefastas consequências.

O livro tem trezentas e tantas páginas, uma nota do Autor, especial para a edição portuguesa, em que elogia o esforço do actual Governo, para que Portugal seja pioneiro, na Europa, na criação das energias renováveis: solar, eólica e hídrica, de forma a melhor controlar as alterações climáticas, e um prefácio, para a edição portuguesa, do Prof. Doutor Viriato Soromenho-Marques, que foi quem me ofereceu o livro e chamou para ele a minha atenção – o que tanto lhe agradeço – dada a sua actualidade e importância.

Trata-se, com efeito, de um desafio global que temos de enfrentar, o mais rapidamente possível, “se quisermos merecer o futuro”, como diz Soromenho-Marques. Lembra que o Protocolo de Quioto, que visa o empenhamento numa economia de baixo carbono, foi assinado em Dezembro de 1997, mas desde então os progressos feitos estão longe de ser suficientes.

Vai realizar-se agora em Copenhaga, em Dezembro próximo, uma reunião mundial para renovar e ir além dos Protocolos de Tóquio. Obama, no seu discurso de posse, disse, com enorme bom senso: “Os desafios que o amanhã trará são os maiores da nossa vida: duras guerras, um Planeta em perigo, a pior crise financeira desde há um século”. Não pode deixar de subscrever o acordo de Copenhaga, sendo os Estados Unidos os maiores poluidores do Planeta, com a China. A China também não tem outro remédio. É que, como se lê no último capítulo deste livro, cuja leitura recomendo vivamente, o nosso Planeta está em perigo e perigo grave, que temos obrigação de conjurar... Quanto antes.

Vau, 18 de Agosto de 2009